

LUÍS MD BARCELOS

TERCEIRA, ILHA DE BALEIAS E GOLFINHOS

LDBARCELOS@GMAIL.COM



Baleia comum

NO PANORAMA EUROPEU, os Açores são conhecidos por serem um local de excelência para o turismo de natureza (National Geographic Traveler 2012). Das diversas atividades deste tipo de turismo, a que tem maior destaque e procura por parte de quem nos visita é o “*whale watching*” ou na sua designação em português, a “Observação de Cetáceos” e que consiste em sair para o mar para observar baleias e golfinhos!

A palavra Cetáceo tem origem no Latim (cetus = grande animal marinho) e no Grego (ketos = monstro marinho). Esta palavra é utilizada para designar um dos três grandes grupos em que se dividem os mamíferos marinhos (Rice 1998). Os cetáceos são criaturas evasivas, que passam grande parte da sua vida debaixo de água ou em áreas remotas no mar alto (Carwardine 2002). Em termos de classificação a ordem dos Cetáceos divide-se em duas subordens, os Odontoceti - baleias com dentes; e os Mysticeti - baleias de barbas (Milinkovitch *et al.* 1993).

Mas afinal, o que são Cetáceos e qual a diferença entre Baleias e Golfinhos? As diferenças não estão no tamanho dos animais, como é popularmente pensado. Isto porque existem baleias de vários tamanhos, algumas bem pequenas, chegando mesmo a ser mais pequenas que algumas espécies de golfinhos, e existem golfinhos muito grandes, do tamanho de baleias. As diferenças que distinguem estas duas categorias de animais são a nível anatómico e fisiológico.

Começemos pelas subordens mencionadas anteriormente. Temos os cetáceos sem dentes, que também são conhecidos por baleias de barbas ou Mysticetos e os cetáceos com dentes ou Odontocetos.

A subordem Mysticetos engloba todas as espécies que, em vez de dentes, possuem umas estruturas designadas por barbas e que são utilizadas para filtrar o alimento que se encontra na água. Estes animais são filtradores e a sua alimentação consiste em pequenos peixes (ex: sardinhas, chicharos, etc.) e “Krill”, que são pequenos camarões (maioria tem 1 – 2 cm).

A subordem Odontocetos compreende todas as espécies que possuem dentes, onde se inclui o Cachalote (*Physe-*

ter macrocephalus) que se alimenta de lulas de profundidade; incluem também a Família Kogiidae que apenas é representada por duas espécies o Cachalote-pigmeu (*Kogia breviceps*) e o Cachalote-anão (*Kogia sima*); a Família Ziphiidae onde se inclui as baleias-de-bico, cuja alimentação se baseia em peixes e lulas; e a Família Delphinidae (mais conhecida por golfinhos) onde se inclui a Orca. Apesar do seu tamanho (9,8 metros), a Orca é um golfinho e as duas espécies da Família Kogiidae que não tem mais de 3,4 metros, são baleias. É por esses factos que não se pode fazer a distinção entre baleias e golfinhos pelo tamanho (Carwardine 2002).

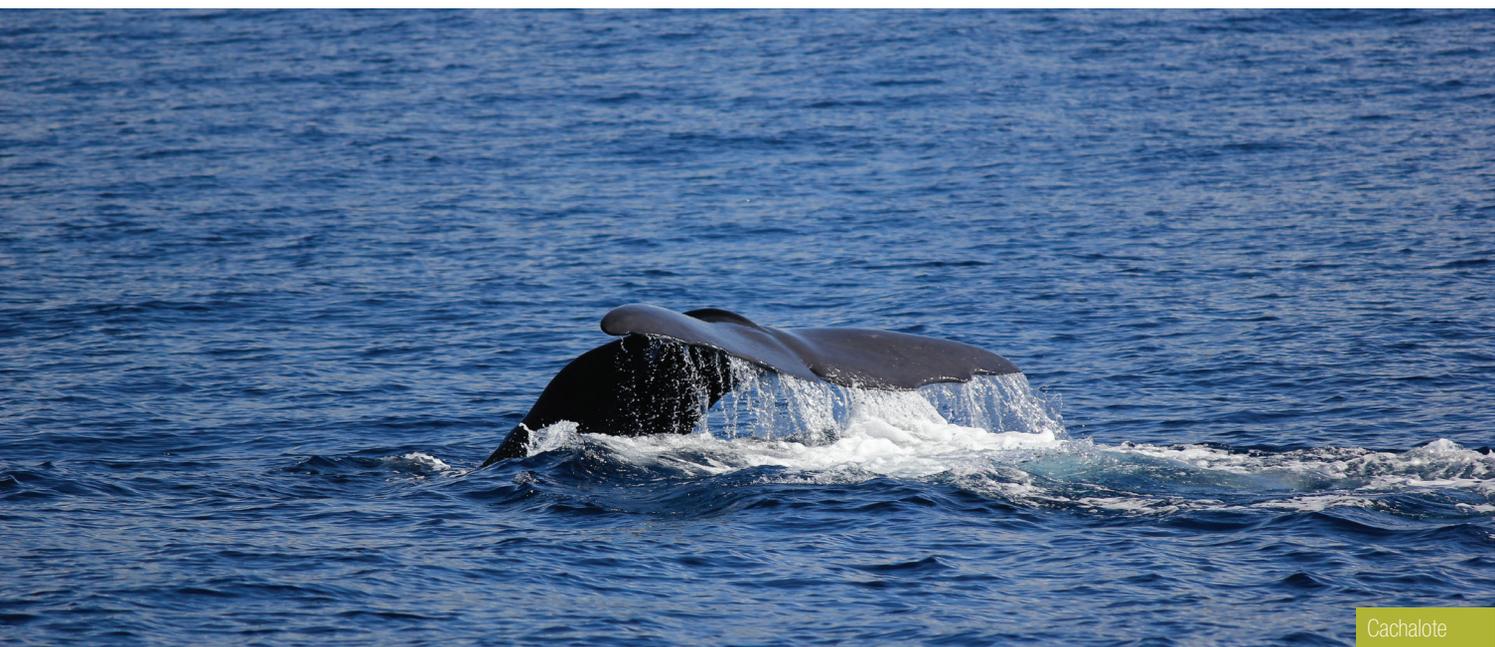
Em todo o mundo existem 87 diferentes espécies de Cetáceos (<http://www.marinespecies.org/cetacea>). Nos Açores ocorrem 27 dessas espécies (Prieto & Silva 2010), das quais algumas são residentes e outras migratórias (Magalhães *et al.* 1999; Visser *et al.* 2011), sendo estas últimas constituídas na sua maioria por baleias de barbas (Visser *et al.* 2011).

Nos dados recolhidos durante a atividade turística de Observação de Cetáceos, entre 2007 e 2012, concluiu-se que na costa Sul da ilha Terceira ocorrem 55,6 % das espécies dadas para os Açores, ou seja 15. De entre essas destacam-se 5 espécies da família de Delphinidae (*D. delphis*, *T. truncatus*, *G. griseus*, *S. frontalis* e *S. coeruleoalba*) e o cachalote (*P. macrocephalus*) como sendo as mais frequentes, ocorrendo a maioria das observações em águas costeiras, até 200 metros de profundidade, e entre os 700 e 1000 metros de profundidade (Barcelos 2012). O grande desejo que quem vai para o mar neste tipo de atividade, é ver Baleias. É uma experiência magnífica, ver ao vivo um animal destes. A Baleia-Azul (*Balaenoptera musculus*) e a Baleia-Comum (*Balaenoptera physalus*) são os maiores titãs que já viveram, e vivem, no planeta Terra. A Baleia-Azul ultrapassa em tamanho (27 metros) e em peso (120 toneladas) o maior dos dinossauros até agora conhecidos. A Baleia-Comum, é o segundo maior animal de sempre (22 metros de comprimento e 80 toneladas) (Carwardine 2002).

Estas duas espécies visitam os Açores na sua rota de



Baleia comum



Cachalote



migração a caminho do Ártico (Visser *et al.* 2011). As Baleias-Azuis são mais frequentes de março a maio, e as Baleias-Comuns de maio até meados ou fim de julho. Nos últimos anos, estas duas espécies têm sido avistadas com muita frequência na costa sul da ilha Terceira, sendo que as Baleias-Comuns chegam a ser vistas durante o mês de agosto. Este ano de 2014, está a ser um ano excepcional para ver estas duas espécies. Além de estarem por cá em grande número, foram avistadas Baleias-Azuis em agosto e as Baleias-Comuns continuaram a estar por cá em setembro (Carvalho 2014 *Com. Oral*).

Durante este ano foi avistada ao largo da ilha Terceira a Baleia-de-Bossas (*Megaptera novaeangliae*). Esta foi observada várias vezes ao longo dos meses brindando as pessoas que estavam por perto com saltos e “batimentos de barbatanas”. Esta espécie é de ocorrência esporádica nos Açores, ou seja, nem todos os anos aparece (Fernandes & Toste 2014 *Com. Oral*).

A ilha Terceira tem vindo a afirmar-se na Observação de Cetáceos (Barcelos 2012), da análise dos dados que correspondem ao período inicial desta atividade na ilha, que teve início em 2005 (Lourenço 2009), chegou a uma taxa de sucesso (de avistamentos) mínima de 83 % e a crescer, tendo atingido em 2014 os 99,6 % (*Com. Oral* de Skippers e Vigias das empresas de Observação de Cetáceos).

Não nos podemos esquecer da espécie emblemática dos Açores, o Cachalote (*Physeter macrocephalus*). Esta é a espécie que todos anseiam observar, devido aos Açores e as águas que rodeiam estas ilhas são das melhores para poder observar esta espécie. Apesar de ser menores que as espécies mencionadas anteriormente, um cachalote macho adulto, atinge uns impressionantes 18 metros e 50 toneladas. Estes animais têm um comportamento que os torna mais agradáveis à observação. Por vezes são vistos a descansar à superfície, a sós, ou em grupos que por vezes tem 8 ou mais indivíduos entre adultos, juvenis e crias, ou a deslocar-se lentamente. Mas o que mais impressiona nesta espécie é o “mostrar a cauda”. Esta exibição ocorre quando o animal vai efetuar um mergulho profundo, para alimentação, descendo na vertical e colocando para isso toda a cauda e pedúnculo

lo caudal fora de água para assim ganhar mais balanço. Este mergulho é antecedido de uns quantos bufos maiores, que lhes permite armazenar a quantidade suficiente de oxigénio para permanecerem cerca de 1,5 horas submersos e a profundidades que podem atingir os 2000, ou mais metros de profundidade, em busca do seu alimento predileto, a Lula-gigante (pertencentes ao género *Architeuthis*), que pode chegar aos 13 metros de comprimento.

Esta foi a espécie alvo da baleação açoriana, que a enfrentavam em pequenos barcos movidos a remos e vela. Quando alcançavam um animal, este era atacado com arpões e lanças que faziam sangrar e cansar o animal até que finalmente fosse possível dar o golpe final e atingir o animal no coração. Depois de morto, o animal era rebocado para terra, até ao local de processamento, com recurso a uma lancha a motor. Chegado ao local, a Baleia era desmanchada e a gordura ou melhor o “toucinho” era derretido para a obtenção de “azeite” que era, a par com o espermacete e o âmbar-cinza, um dos produtos mais valorizados que se obtinham da baleia (Borba 2008). A carne e os ossos eram moídos para o fabrico de fertilizantes e rações para o gado (Farinha & Correia 2003).

Na ilha Terceira esta atividade estendia-se a partir do Complexo Baleeiro de São Mateus que era constituído pelo porto de São Mateus, onde ainda se encontra a casa dos botes e o armazém, e pela rampa de alagem / varagem do Negrito. Junto a esta rampa de alagem / varagem existia um “Traiol” (do inglês *Try-work*) que era utilizado para a extração de óleo de baleia, e uma “Cula” (do inglês *Cooler*) que servia para o arrefecimento e decantação do óleo. Ainda é possível observar o que sobrou destas estruturas, junto ao forte do Negrito. Existia também um Complexo Baleeiro nos Biscoitos, ao qual pertenciam as vigias do Raminho e da Aqualva, e que operavam a partir do porto dos Biscoitos. Ainda é possível ver a antiga casa dos Botes, que ficava situada mesmo em frente à rampa de alagem / varagem. Existia ainda um Varadouro Baleeiro na Vila Nova, onde atualmente existe o porto, e que era apoiado por uma vigia situada na proximidade (Roteiros Culturais dos Açores – Património Baleeiro).

Um dos fatores determinantes para o sucesso da caça à baleia e agora para a atividade de Observação de Cetá-



Baleia azul

ceos, são as Vigias da Baleia. Estas Vigias consistiam numa ou mais pessoas, que ocupavam um ponto elevado em terra de onde fosse possível avistar uma grande extensão de mar e que, com recurso a instrumentos óticos de grande alcance (telescópios ou binóculos) procuravam sinais que indicavam a presença de baleias, tais como bufos, movimentos ou espumas diferentes das causadas pelo vento e pelas ondas. Ao avistarem as baleias, era dado o sinal (com um foguete) e os baleeiros corriam até aos portos e seguiam mar dentro com os botes. Em alguns destes pontos de vigia, foram erguidas pequenas construções que ficaram com a designação de vigias. Algumas dessas construções sobreviveram até aos nossos dias. Na ilha Terceira as mais conhecidas são a do Monte Brasil e a do Raminho. Existem outros locais que, apesar de já não serem visíveis estas construções, continuam a ser conhecidos por esse nome. É o caso do Pico da Vigia da Fonte do Bastardo, de São Sebastião, de Santa Bárbara e das Doze Ribeiras, e das vigias da Aqualva e Vila Nova (Lourenço 2009).

Passemos agora aos golfinhos, esses ágeis e brincalhões seres que fazem as delícias de muitas pessoas, em especial das crianças.

As baleias, apesar de grandes e magníficas, por vezes tornam-se pouco interessantes de ser observadas por parte de pessoas menos informadas, porque na maioria das vezes é possível observar apenas parte do dorso e da barbata dorsal. Daí que a observação de um grupo de energéticos e brincalhões golfinhos se tornar mais interessante.

Os golfinhos são dos cetáceos mais abundantes e algumas espécies chegam a formar grupos com mais de 100 indivíduos, como é o caso do Golfinho-Comum (*Delphinus delphis*) e do Golfinho-Pintado-do-Atlântico (*Stenella frontalis*). Esta última é uma espécie migratória, associada a águas mais quentes (Perrin *et al.* 1987) indo para sul no inverno e regressando aos Açores no verão quando as águas atingem os 21°C (Barcelos 2012). Além destas duas espécies é ainda possível observar nas águas dos Açores os Roazes (*Tursiops truncatus*).

tus), os Golfinhos-Riscados (*Stenella coeruleoalba*) e Grampos ou Moleiros (*Grampus griseus*) entre as espécies mais abundantes. Os Grampos são uma espécie curiosa porque os indivíduos jovens têm uma cor cinzento-escuro e à medida que vão envelhecendo, vão ficando brancos, sendo possível por vezes observar indivíduos quase ou totalmente brancos. Esta mudança de cor é causada em grande parte por cicatrizes de lutas territoriais e de acasalamento, outras causadas por lulas, que são a base da alimentação deles e que são extremamente agressivas, ou ainda, por tubarões-charuto (*Isistius brasiliensis*) (F. Visser *Com. Oral*).

Além destas espécies mais comuns é ainda possível encontrar outras de ocorrência mais esporádica, tais como a Falsa-Orca (*Pseudorca crassidens*) e a Baleia-Piloto-Tropical (*Globicephala macrorhynchus*). Esta última espécie, apesar de ter “Baleia” no nome, não pertence a nenhuma das famílias de baleias mas sim à família dos golfinhos.

É POR ESTA E POR OUTRAS RAZÕES, QUE OS AÇORES ESTÃO NO TOP DOS DESTINOS NATUREZA, REFERIDOS PELA PRESTIGIADA REVISTA NATIONAL GEOGRAPHIC TRAVELER.



Baleia comum

FOTOS: Luís Barcelos

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Barcelos, L.M.D. 2012. Variação Espacial e Temporal na ocorrência de Cetáceos no Sul da ilha Terceira. Dissertação de Mestrado em Gestão e Conservação da Natureza, Universidade dos Açores, Departamento de Ciências Agrárias.
- Borba, L. 2008. História de São Mateus da Calheta. BLU – Edições, Junta de Freguesia de São Mateus da Calheta. Nova Gráfica, Lda. 752 pp.
- Carwardine, M. 2002. Whales Dolphins and Porpoises. Smithsonian Handbooks, United States 256 pp.
- Farinha, N. & Correia, F. 2003. Cetáceos dos Açores. Baleias, Golfinhos e Toninhas. Coleção Património Natural Açoriano. João Azevedo Editor, Mirandela, Portugal. 180 pp.
- Lourenço, F.R. 2009. Da Baleação ao “Whale Watching” na ilha Terceira. Disciplina de Projecto, Licenciatura em Guias de Natureza, Universidade dos Açores. 200 pp.
- Magalhães, S., Prieto, R., Silva, M. A. & Gonçalves, J. 1999. Impact of whale watching vessels on sperm whale (*Physeter macrocephalus*) activities in waters south of Pico and Faial Islands, Azores. Proceeding of the 13th annual conference of the European Cetacean Society, Valencia (Spain) 124-127.
- Milinkovitch, M. C., Ortí, G. & Meyer, A. 1993. Revised phylogeny of whales suggested by mitochondrial ribosomal DNA sequences. *Nature* 361, 346-361.
- Perrin, W. F., Mitchell, E. D., Mead, J. G., Caldwell, D. K., Caldwell, M. C., Bree, P. J. H., & Dawbin, W. H. 1987. Revision of the spotted dolphins, *Stenella* spp. *Marine Mammal Science* 3 (2), 99-170.
- Prieto, R. & Silva, M. 2010. Mamíferos Marinhos. In: Borges, P. A. V., Costa, A., Cunha, R., Gabriel, R., Gonçalves, V., Martins, A. F., Melo, I., Parente, M., Raposeiro, P., Rodrigues, P., Santos, R. S., Silva, L., Vieira, P., & Vieira, V. 2010. Listagem dos Organismos Terrestres e Marinhos dos Açores. Principia, Cascais. 432 pp.
- Rice, D. W. 1998. Marine mammals of the World: Systematics and Distributions. Special Publication Number 4, The Society for Marine Mammalogy. 234 pp.
- Roteiros Culturais dos Açores, Património Baleeiro – Terceira, Graciosa e São Jorge. Governo dos Açores, Secretária Regional da Educação Ciência e Cultura, Direção Regional da Cultura; OMA – Observatório do Mar dos Açores; IPBIA – Inventário do Património Baleeiro Imóvel dos Açores.
- Visser, F., Hartman, K. L., Pierce, G. J., Valavanis, V. D. & Huisman, J. 2011. Timing of migratory baleen whales at the Azores in relation to the North Atlantic spring bloom. *Mar Ecol Prog Ser* 440, 267-279.